



Becos sem gentileza da memória: espaços, urgências e carências em romances de Evaristo e Ntshingila

Kindless Alleyways of the Memory: Spaces, Urgency and Scarcity in Novels by Evaristo and Ntshingila

Aline de Mello Sanfelici

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná/Brasil

alinefelice@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9866-4766>

Janice Inês Nodari

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná/Brasil

janice.nodari@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6989-4813>

Resumo: Neste texto, nos debruçamos sobre os romances *Becos da memória* (2020), da brasileira Conceição Evaristo, e *Sem gentileza* (2016), da sul-africana Futhi Ntshingila, que trazem uma relação marcante entre personagens e os espaços por eles ocupados. A abordagem privilegia o estudo das ideias de suspensão e escassez, que são caras aos referidos romances, e encontra respaldo na geografia humanística, em especial na distinção que essa teoria oferece para os termos espaço e lugar (TUAN, 2005; 2013), para aplicar tais noções ao estudo de excertos das referidas obras de ficção. Nossa análise aponta que o espaço-lugar da favela se coloca como um elemento determinante e definidor nas vidas e nas (im)possibilidades daqueles que nela vivem, relacionando-se diretamente com a escassez, a urgência e a suspensão no modo de viver reativo dos personagens.

Palavras-chave: espaço e lugar; deslocamento; suspensão; escassez; Evaristo; Ntshingila.

Abstract: In this text, we look at the novels *Becos da memória* (2020), by Brazilian Conceição Evaristo, and *Do Not Go Gentle* (2016), by South African Futhi Ntshingila, which explore a notable relationship between characters and the spaces they occupy. The approach highlights the study of the ideas of suspension and scarcity, which are dear to the novels, and finds support in humanistic geography, especially in the distinction that this theory offers for the terms space and place (TUAN, 2005; 2013), to apply such notions to the study of excerpts of said works of fiction. Our analysis highlights that the favela's space-place is a determining and defining element in the lives and (im)possibilities of

those who live in it, being directly related to the scarcity, urgency, and suspension in the reactive way of living of the characters.

Keywords: space and place; displacement; suspension; scarcity; Evaristo; Ntshingila.

Introdução

Os espaços ocupados por diferentes personagens e nos quais se desenrolam as ações em uma história são questões cruciais na estruturação de um romance. Em certos casos que extrapolam essa relevância, é possível identificar obras nas quais cidades ou bairros, por exemplo, são tão cardinais que passam a ser entendidos como personagens em si mesmos. Obras como *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, os contos presentes em *Luuanda*, do luso-angolano José Luandino Vieira, e o romance *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, ilustram tal possibilidade. De modo menos evidente, temos também obras nas quais os espaços, embora não constituam entidades da própria ficção, possuem uma força e centralidade tão intensas que afetam dramaticamente as personagens das histórias, podendo definir suas lutas e, em última instância, suas vidas. Essa relação, acreditamos, sugere a representação da realidade na esfera da ficção.

Neste artigo, nos debruçamos sobre dois romances contemporâneos que trazem uma relação acentuada e determinante entre personagens e seus espaços.¹ Falaremos sobre *Becos da memória*² (2020), de Conceição Evaristo, e sobre *Sem gentileza* (2016), de Futhi Ntshingila. Nossa proposta é olhar principalmente para as personagens mulheres e os espaços a partir de uma perspectiva alimentada por referencial teórico majoritariamente oriundo da geografia humanística (TUAN, 2005; 2013) e ilustrada com passagens das referidas obras. Entendemos que tal estudo não foi realizado até o momento

¹ Temos ciência da contribuição de Gaston Bachelard, em especial de sua obra *A poética do espaço* (2008), para discussões sobre espaços na literatura atrelados ao entendimento e análise da “alma humana”. Contudo, ao não evidenciar espaços de sofrimento ou possível hostilidade em seu texto, acreditamos que usar Bachelard como referencial prioritário não seria condizente com as experiências das personagens nos romances aqui discutidos.

² A obra foi publicada pela primeira vez em 2006, pela editora Mazza, após vinte anos de uma longa espera em uma gaveta de Evaristo. A edição que referenciamos é a terceira, de 2020.

e traz contribuição significativa para as abordagens de textos literários que atribuem centralidade ao papel do espaço na tessitura de suas tramas.

Elencamos como elementos-chave para nossa discussão as ideias de suspensão e escassez, que são tratadas a partir de sua ligação com a conceituação teórica de espaço e lugar. Quando nos referimos à **suspensão** ou **estado de suspensão** não intencionamos fazer escrutínios de ordem histórica ou política – áreas que definem de modos específicos e técnicos a mesma expressão. Em vez disso, nosso entendimento se coloca de forma mais prosaica: vemos o estado de suspensão como a condição do atrelamento ao presente, ao imediato, às urgências de dada circunstância. Em outras palavras, é como se tudo o mais (passado e futuro, sonhos e planos, ideias e intenções) devesse ser colocado em espera, em detrimento das urgências do momento presente. Portanto, quando falamos nesse estudo sobre a questão do estado de suspensão, buscamos salientar o impedimento de qualquer preocupação que não seja com a sobrevivência imediata, especialmente em cenários de des e reterritorialização, como vivido pelos personagens.

Outro termo basilar para nossa discussão, como citado acima, é o conceito de **escassez**. De modo semelhante, nos apropriamos desse termo a partir de uma visão própria e cotidiana, e não precisamente técnica. Trataremos da escassez em sentidos palpáveis da palavra: a escassez de dinheiro, de comida, de habitação (resultante também do processo de desfavelamento e reterritorialização, por exemplo), de emprego. E, em outros momentos, trataremos da escassez em termos menos tangíveis: escassez de perspectivas, de futuro, de acolhimento, de configuração familiar. Podemos antecipar que, invariavelmente, estados de suspensão e condições de escassez se entrelaçam, criando alguns nós difíceis de desatar, como se uma coisa levasse à outra.

Para falarmos sobre estado de suspensão e questões de escassez, especialmente a partir de deslocamentos vividos pelos personagens, seja por sua escolha ou de modo forçado, nos amparamos em pressupostos da geografia humanística. Nessa área, encontramos uma compreensão teórica que se distancia da visão de espaço e lugar como sinônimos, e os entende como construções distintas, intimamente atreladas às experiências das trajetórias individuais dos sujeitos. Para a geografia humanística, o espaço é comumente visto como um sinal de liberdade no mundo ocidental; sugere futuro e vida em seu aspecto positivo, enquanto no aspecto negativo, o

espaço pode ser uma ameaça, deixando o indivíduo vulnerável, exposto. Por sua vez, o termo “lugar” é normalmente associado “a um objeto estável que chama nossa atenção” (TUAN, 2013, p. 179). Um determinado lugar pode adquirir significado com a passagem do tempo à medida que sentimentos, tanto positivos quanto negativos, forem associados a ele. O lugar se tornaria, então, um espaço fechado e humanizado (TUAN, 2013). Ainda, “a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa” (TUAN, 2013, p. 14). Veremos como isso se dá com as diferentes favelas em *Becos da memória* e *Sem gentileza*.

Para conduzir essa discussão, fazemos, num primeiro momento, uma breve apresentação sobre as autoras e suas produções a fim de estabelecer um ponto de contato na escrita dessas mulheres. Discutimos então as relações de (algumas) personagens com os espaços que ocupam nos romances analisados, e finalizamos com ponderações sobre como essas relações – tanto nas obras quanto no nosso próprio mundo e realidade – impactam as escolhas, as possibilidades e os destinos.

Memórias dessas mulheres

Tanto em *Sem gentileza* quanto em *Becos da memória* encontramos ecos, sombras e caminhos trilhados nas vidas das autoras que assinam as obras. As problemáticas levantadas ou enfrentadas pelas personagens fictícias muito nos revelam sobre a vida e a agenda de engajamentos de Evaristo e Ntshingila. Nesse sentido, acreditamos ser apropriado conhecer, ainda que rapidamente, suas trajetórias.

Maria Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, no sudeste do Brasil, em 1946. Com apenas oito anos de idade já trabalhava em emprego doméstico e, logo depois, como lavadeira de roupas – ao modo de muitas das personagens femininas do romance que discutiremos. Esses fatos denunciam a vida iniciada em contexto social e economicamente desfavorecido de uma autora nascida na favela. Evaristo, após difícil processo de aprendizado de escrita e leitura (primeiro informalmente, depois em contexto formal de ensino), obteve êxito em seus estudos. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Até o momento, possui várias obras publicadas, dentre elas, os romances *Ponciá Vicêncio* (2006), publicado pela primeira vez em 2003, *Becos da memória* (2006); o livro de poesia *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), bem como *Histórias de leves enganos e Parecenças* (2016), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014), de contos. Evaristo tem crescido exponencialmente em popularidade e visibilidade, tanto no Brasil quanto no exterior, tendo sua obra lida e estudada na academia e também traduzida para diversos idiomas. Em 2018, ano em que foi homenageada na Feira Literária de Paraty (Flip), já com um repertório admirável de obras publicadas, Evaristo concorreu a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Nesse processo, a sua **não** obtenção da vaga evidenciou simultaneamente a relevância da escritora e o conservadorismo da instituição, que carece de representatividade negra e feminina. Em 2019, foi a grande homenageada do 61º Prêmio Jabuti, e recebeu o prêmio de Personalidade Literária do Ano. Evaristo, hoje, facilmente encontra espaços (literários e não fictícios) para falar e trazer à tona questões sociais que lhe são tão caras. Isso se dá porque, ainda que tenha deixado a difícil vida na favela no passado, ela se mantém como grande articuladora de engajamentos e denúncias em benefício de quem ainda não tem voz.

Assim como Evaristo, Ntshingila também usa de seus espaços para articular tomadas de consciência e denunciar injustiças e situações de desamparo. Futhi Ntshingila nasceu em 1974, em Pietermaritzburg, capital e segunda maior cidade da província de KwaZulu-Natal, na África do Sul, e vive em Pretória, onde trabalha no Escritório da Presidência do seu país. Jornalista de formação pela Universidade de Rodes, possui mestrado em Resolução de Conflitos, pela Universidade de KwaZulu-Natal, fato que evidencia sua preocupação com o bem-estar coletivo e o convívio harmônico em contexto de justiça social. Tem dois romances publicados, ambos dedicados à preservação da memória de mulheres sul-africanas cujas trajetórias foram historicamente ignoradas. Sua obra de estreia, o romance *Shameless* (2008), terá versão traduzida para o português pela editora Figuras de Linguagem. Ntshingila esteve no Brasil, em 2016, para divulgar a tradução para o português de *Do Not Go Gentle*³ (*Sem gentileza*,

3 Além da tradução no Brasil por Hilton Lima, em 2014, em 2020 houve também a tradução feita por Sandra Tamele para o português, em Moçambique, intitulada *Não vás tão docilmente*, pela editora Trinta Zero Nove.

2014). Foi a primeira vez que um texto seu foi traduzido para qualquer outro idioma, o que sugere que Ntshingila ainda não tem o alcance que sua obra clama e merece, nem a visibilidade já estabelecida por Evaristo, em seu respectivo contexto. De fato, mesmo na África do Sul, segundo a autora (SEM GENTILEZA..., 2016), escritoras negras ainda precisam lutar por reconhecimento e, com frequência, a presença delas em determinados círculos apenas cumpre metas puramente numéricas e impositivas de representatividade. Em 2018, Futhi publicou uma versão de *Do Not Go Gentle* para o público juvenil (“Young adult fiction”), com o título *We Kiss Them with Rain*.

Em rápidas buscas sobre Ntshingila e Evaristo vemos que ambas contribuem ativamente em relação a questões sociais em seus países de origem. Também têm sido lidas e entendidas enquanto militantes engajadas na defesa da visibilidade de grupos minoritários, especialmente mulheres negras e pobres, em seus contextos e com suas lutas específicas. E é justamente a partir da produção literária de ambas que encontramos mais subsídios e um fio condutor possível para nossa análise, pois, ainda que escrevam em línguas distintas, a temática do humano e as questões sociais, de pertencimento, de deslocamento e de aflições são pontos que transcendem limitações geográficas ou linguísticas. Adentramos a análise de duas de suas obras por esse viés.

A construção dos enredos e das personagens: entrelaçando faltas e sobras

Sem gentileza, originalmente intitulado *Do Not Go Gentle*, estabelece clara relação com o poema mais famoso de Dylan Thomas, “Do Not Go Gentle into that Good Night”. Na interpretação consagrada pela crítica especializada, o poema nos oferece um mergulho na relação de um filho com seu pai à beira da morte, enquanto no romance de Ntshingila também se encontra uma narrativa de luta por sobrevivência, tomando como ponto de partida uma mãe e sua filha.

A obra é uma narrativa linear, ainda que traga exemplos de analepse com o objetivo de resgatar acontecimentos das vidas de certos personagens e explicar seu entrelaçamento com outros. Mesmo estando centrada em uma jovem, a história apresenta e relaciona outros personagens a ela. Essa jovem é Nomvelo Zulu, ou Mvelo, que se descobre como filha, mãe e protagonista de suas escolhas. Ela vive com sua mãe, Zola, que está morrendo de Aids,

“em barracos nas margens da sociedade” (NTSHINGILA, 2016, p. 10) na periferia do distrito de Mkhumbane, nos arredores de Durban, a maior cidade da África do Sul. O pai de Mvelo, Sporo Hadebe, morrera atropelado, e ambas, mãe e filha, foram esquecidas pela família materna e obrigadas a procurar abrigo com uma tia de Zola, Skwiza, dona de um bar. Foi nesse ambiente que a menina cresceu, enquanto sua mãe trabalhava naquele estabelecimento para lhe dar o que comer. Foi no bar de Skwiza que mãe e filha conheceram Siphó Mdletshe, que se tornou uma espécie de figura paterna para Mvelo durante treze anos. Siphó era mulhengo, traiu a mãe de Mvelo com Nonceba e, em um de seus outros envolvimento, contraiu Aids e transmitiu para Zola.

Nonceba é outra figura importante na trama e na relação que estabelece com Mvelo. Ela nasceu na cadeia, pois sua mãe, Zimkitha Hlathi, “foi presa, enquadrada no Ato da Imoralidade, depois de ser pega com o filho de um conhecido pastor africâner”, Johan Steyn (NTSHINGILA, 2016, p. 82). Enquanto Zimkitha estava presa, ele se casou com Petra, a filha de outro pastor, uma mulher que não podia ter filhos.

Após dar à luz, Zimkitha foi solta e, fora da cadeia, descobriu que seu pai tinha sido morto por lutar pelos direitos da filha e por um país sem o *apartheid*. Decepcionada com a situação familiar, Zimkitha cometeu suicídio, deixando a pequena Nonceba aos cuidados da avó materna, que a levou para viver e estudar nos Estados Unidos, onde a jovem se tornou advogada. Vemos nesse histórico breves ecos de uma luta por transformar um espaço desprovido de justiça em um lugar seguro e acolhedor, e podemos argumentar que essa busca por um lugar nesses termos é recorrente na obra, como uma motivação. Mais tarde, Nonceba volta à África do Sul, em uma clara referência ao movimento da diáspora e que, nesse caso específico, simultaneamente permite que a personagem experiencie tanto espaços quanto lugares nos diferentes ambientes em que vive. No seu retorno, ela conhece Siphó, Zola e Mvelo e passa a fazer parte da (re)configuração familiar que permite que Mvelo cresça, ainda que não totalmente protegida.

Mvelo gostava muito de cantar na igreja, e foi assim que chamou a atenção do Reverendo Nhlengethwa, o homem que forçosamente lhe tirou a virgindade e a esperança de um futuro melhor. Antes que sua filha, Sabekile, nascesse, sua mãe morreu “de subnutrição e de complicações da aids” (p. 21). Mvelo decide então deixar sua bebê “na porta da frente de

uma casa sem muros. Pelo menos lá ela sabia que Sabekile teria uma chance de vencer” (p. 33). Essa casa estava localizada na região conhecida como Manor Gardens, para onde Mvelo e sua mãe costumavam ir revirar o lixo. A vida brutal e essa terrível decisão do abandono do bebê são peculiares no entendimento da relação das personagens com o contexto em que se encontram. A cidade como um todo, e a favela de modo mais pontual, apresentam-se como espaços ameaçadores e violentos, absolutamente em nada complacentes para com a personagem e sua mãe, mas também abrigam essa região específica, que alimenta a esperança de que aquilo que para Mvelo é um espaço de revirar lixo, para sua filha poderia vir a ser um ambiente de lar amoroso e seguro, que pudesse ser experienciado como um lugar humanizado. Lá moravam Johan Steyn e sua esposa Petra, um casal de idade e sem filhos. Com essa informação vemos como as histórias de diferentes personagens estão entrelaçadas e se influenciam – e vemos, também, como tantos acontecimentos e emoções se dão na história, ocorrendo de modo bruto e **sem gentileza**. Algo semelhante acontece em *Becos da memória*.

A obra *Becos da memória* está escrita em segmentos, ou seja, não utiliza uma linearidade sequencial e se interrompe continuamente. Os segmentos são dedicados a diferentes personagens, apresentados aos poucos em comunicação com outros, e que são reintroduzidos quando ocorre algum desdobramento em sua história particular, ou ainda quando há avanço na cronologia dos fatos, aspecto esse que coincide com o desfavelamento sofrido pelos personagens, sua reterritorialização forçada. Não é, portanto, uma coletânea de contos – como *Olhos d’água* (2014), da mesma autora. É, muito mais, uma colcha de retalhos de memórias e histórias.⁴ Em comum, ou como tecido de fundo que organiza os retalhos de memórias, encontra-se a delimitação da favela e a presença de Maria-Nova, a tecelã (narradora) principal; é com ela e suas observações que a narrativa inicia e é com ela e seu sonho com Vó Rita que a narrativa se encerra. Os personagens são os elementos principais da trama, ao mesmo tempo que uma parte significativa de suas vidas é determinada pelo espaço que ocupam. Alguns

⁴ De certa forma, a escrita apresenta semelhanças com a de *Ponciá Vicêncio* (2006), ainda que nesse romance haja mais ocorrências de retomada do passado na sequência das páginas. Ainda, em *Ponciá Vicêncio* (2006) temos uma clara heroína, sobre a qual o enredo se desenrola, o que não acontece em *Becos da memória*.

personagens, a narradora dá a entender que conhecera pessoalmente. Outros são apresentados ao leitor pelas palavras de terceiros. Suas histórias não são apresentadas com início, meio e fim, de uma vez: são construídas aos poucos; seguem uma (des)ordem interna, da memória, e resgatam um passado de injustiças sociais em solo brasileiro, com os negros escravizados⁵ trazidos da África. O desenrolar das histórias mostra uma forte ligação “senzala-favela” (EVARISTO, 2020, p. 73), de favela-senzala, onde “alguma coisa, pelo menos, estava provada: o trabalho não enriquece ninguém (A malandragem barata de morro também não.)” (EVARISTO, 2020, p. 72).

Os personagens cujos fragmentos de memória recebem maior atenção são Negro Alírio, Tio Totó, Bondade, Vó Rita, Maria-Velha – apesar de seus irmãos Joana e Tatão serem mencionados, suas histórias não são retratadas em detalhes – e Maria-Nova. Todos são descritos de forma verossímil, com humanos desejos e vontades, ainda que com poucos vícios ou elementos que possam desonrá-los.

O livro é dedicado, de certa forma, a Vó Rita. Mas há um grupo de outros personagens que tomam espaço importante na trama, pois são parte das reminiscências da principal narradora em relação aos becos das suas memórias. Há, ainda, personagens que aparecem de forma a sustentar as memórias em vários pés; podem ter sido inventadas ou não, e seu papel é secundário, ainda que não dispensável. E, mesmo que haja dedicatória expressa de que a obra é uma

[h]omenagem póstuma ao *Bondade*, ao *Tião Puxa-Faca*, à *velha Isolina*, à D. Anália, ao *Tio Totó*, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. (EVARISTO, 2020, p. 17, grifo nosso)

O leitor não tem acesso às histórias e memórias de todos eles. Ademais, há, ainda, Cidinha-Cidoca, Maria-Velha e Maria-Nova, Negro Alírio e Dora, Filó Gazogênia, Beto e Ditinha, entre outros, cujas ações são contadas em fragmentos que, mesmo fazendo sentido quando lidos

⁵ De acordo com Grada Kilomba (2019), o termo escravizado faz mais sentido por ser uma condição imposta e não uma condição inerente ao sujeito e, por concordarmos com essa premissa, elegemos o seu uso nessa análise.

isoladamente, recebem camadas e mais camadas que os complexificam à medida que são retomados na trama.

O narrador heterodiegético (seletivo) não é uma constante na narração. Há momentos em que outras vozes narrativas nos conduzem pelos becos da favela. Um exemplo é quando se percebe a narração acontecendo pelo ponto de vista de Maria-Nova introduzindo a personagem Outra, essa sem nome, que vive com Vó Rita e se esconde dos olhares dos curiosos, e em outros momentos pontuais em que personagens específicos narram suas vidas. A voz narrativa por vezes é ocupada por uma narradora onisciente; em outras ocasiões é a Outra, de quem se sabe pouco, apenas que mora com Vó Rita e que tem um filho com o qual não se dá bem. Em dado momento, o narrador é Tio Totó. É assim com os meandros da memória: eles precisam ser completados por diferentes vozes narrativas, por diferentes pontos de vista.

A inclusão da voz narrativa como personagem é, portanto, altamente significativa, em uma narrativa centrada em personagens pobres e marginalizados. A pesquisadora Grada Kilomba (2019) justifica da seguinte forma tal escrita coletiva:

[...] nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente. Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente. A ideia de um enterro impróprio é idêntica à ideia de um episódio traumático que não pôde ser descarregado adequadamente e, portanto, [...] ainda existe vívida e intrusivamente em nossas mentes.⁶ (p. 223-224)

Essa voz coletiva nos conduz pela favela, o espaço tornado lugar em que se desenvolve a narrativa. Em dado momento temos que “a favela era grande e toda recortada por becos. Alguns becos tinham saída em outros becos, outros não tinham saída nunca. Eram como ruas estreitas que se cruzavam, que se bifurcavam” (EVARISTO, 2020, p. 120). A própria repetição do termo “becos” evidencia sua presença. Além de seus inúmeros becos, a favela é composta por barracos “de adobe, latas, papelões e folha de zinco” (EVARISTO, 2020, p. 140). Esses estavam sendo colocados abaixo para

⁶ Ainda que Kilomba (2019) esteja se referindo, em seu trecho, à escrita da história de indivíduos reais e no romance tenhamos a apresentação de indivíduos fictícios, para fins de contraposição, o paralelo é válido por conta do trauma da pobreza e do racismo que perpassa ambas as obras – e que será explorado em *Becos da memória* (2020), mais adiante.

limpar a área para a construção de “um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez” (EVARISTO, 2020, p. 116), ou outro estabelecimento qualquer. O objetivo do desfavelamento não estava claro, mas é possível antecipar que se deu por questões envolvendo dinheiro. Ainda, este tortuoso e longo processo se coloca no romance como o próprio antagonista da grande história que os personagens têm em comum. Os repetidos becos e as memórias dessas histórias neles vividas denunciam sofrimentos e abandono, e mostram, de maneira semelhante ao que temos no romance de Ntshingila, as **memórias** de uma vida sem gentileza, pelos **becos** da favela.

Por conta da descrição das dificuldades sofridas por seus moradores nesse ambiente, é possível traçar paralelos com a obra de Evaristo com *Quarto de despejo* (2014), de Carolina Maria de Jesus, livro inicialmente publicado em 1960 e que, na forma de um diário, apresenta o cotidiano da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal Tietê (JESUS, 2014). Ou seja, a condição de impermanência associada ao espaço da favela é encontrada nessas duas obras e sinaliza para uma constante, a do movimento, que, mesmo não sendo de todo desejada pelos personagens, já que não transmite segurança, é condição própria do ser humano, que se (re)territorializa⁷, conforme acepção do termo encontrada em Paranhos (2010), por sua escolha ou forçadamente, como movimento ou ato de insubmissão, e desde tempos ancestrais. De acordo com essa compreensão, o elemento **território** adquire valor crucial, e seu sentido está intimamente ligado ao do espaço. Quando indivíduos – personagens – são **forçados** a procurar outro espaço para chamar de lugar – seja por questões de sobrevivência, seja por imposições externas – vemos a violência que tal imperativo exerce em suas individualidades. O des(re)territorializar-se é uma agressão, ainda que, muitas vezes, o indivíduo só se dê conta do seu território, do seu lugar, quando sai dele. Com base nisso, e adotando postura contrária àquela que nos parece ser a compreensão de Deleuze e Guattari (1996) sobre a des(re)territorialização como algo positivo, entendemos que a des(re)territorialização é movimento, sim, mas que, no contexto do romance analisado, são as personagens que atribuem valor – positivo ou negativo – a essa experiência (TUAN, 2005), aproximando-se muito mais da perspectiva

⁷ As noções de des(re)territorializações estão intimamente ligadas ao conceito de território e aparecem esmiuçadas no estudo de Deleuze e Guattari (1996).

da experiência que distingue espaço e lugar, conforme proposta pela geografia humanística (TUAN, 2013).

Como pudemos ver nesse breve olhar para os enredos, as duas obras apresentam pelo menos três elementos relevantes, igualmente constitutivos de suas narrativas. Primeiramente, há o protagonismo da favela não apenas enquanto ambientação das histórias, mas também participante na determinação de realidades e (im)possibilidades de seus moradores. Outro ponto é a exploração das agruras e violências sofridas pelos personagens, sem qualquer traço de romantização de situações extremas e angustiantes, como o abandono do bebê em *Sem gentileza* e a execução de um grupo de rapazes – “homens-vadios-meninos” (EVARISTO, 2020, p. 77), em *Becos da memória*. E, por fim, destaca-se também a força das mulheres, principalmente aquelas que são mães e tentam garantir sustento aos seus filhos ao mesmo tempo que buscam não se esquecer de suas próprias individualidades.

Sem gentileza pelos becos: a escassez, a suspensão, e o espaço-lugar nas obras

Tanto em *Becos da memória* quanto em *Sem gentileza* vemos, do ponto de vista das personagens, os diferentes espaços tornando-se lugares à medida que valores e significados lhes são atribuídos, pois, de acordo com a geografia humanística, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 2013, p. 96). Tal premissa tem apoio na distinção oferecida pela referida teoria para os termos “espaço” e “lugar” (TUAN, 2013). Ainda que não seja sempre dotado de valor positivo, de acordo com Tuan (2013), o espaço é uma necessidade biológica para os seres vivos. Quando ocorrem associações negativas a determinados espaços, temos casos de lugares e experiências que os seres humanos aprendem a temer. Por exemplo, as crianças em crescimento podem ser ensinadas a temer a natureza, em especial as florestas, e a respeitar construções ou instituições como igrejas ou locais públicos, por conta de valores que foram incutidos nelas pelos adultos (TUAN, 2005), por questões de sobrevivência. Em *Sem gentileza*, por exemplo, Mvelo passa a frequentar a igreja por insistência de sua mãe; é um espaço que ela respeita e cujas regras ela acata. Por intermédio da igreja, a jovem também participa de excursões, pois, assim, consegue “voltar para a casa com muita comida escondida em sacos plásticos, que ela recolheu e guardou para Zola” (NTSHINGILA, 2016, p. 12). No entanto, a igreja também lhe traz grande sofrimento e uma filha

não planejada em tenra idade – de fato, irônica e tristemente, é nesse mesmo local, tido como templo de paz e salvação, que lhe ocorre uma violência tal, a do estupro, que corrompe a pureza da jovem personagem e modifica sua visão de mundo e seu futuro.

Situações semelhantes, de escassez e violência estão presentes em *Becos da memória*. Evaristo ilustra e, de certo modo, até mesmo denuncia, como as limitações impostas aos personagens que vivem em uma favela afetam seu dia a dia. A situação permanentemente precária de um contexto marcado por privações, tais como serviços públicos de qualidade, infraestrutura e saneamento básico, se agravava com as fortes chuvas. No entanto, essa mesma chuva forte, quando ocorria, forçava os tratores a pararem o desfavelamento, o que momentaneamente poderia operar como uma ilusão de que o destino seria diferente, e ninguém seria tirado de sua casa, ou seu barraco. Com as chuvas frequentes, porém, vinha também o desafio do frio. “Os agasalhos eram poucos, muito poucos. As roupas das patroas não secavam. O trabalho custava tanto e pouco rendia” (EVARISTO, 2020, p. 139). É notável, então, o dilema dos personagens, que se encontram em um lugar desafiador, difícil, mas que é seu **lugar**, seu lar.

Paradoxalmente, ainda, a situação crítica de chuvas abundantes citada acima contrasta com a **escassez** de água nas torneiras da favela, dificultando a qualidade de vida de todos e, de modo salientado no texto, o trabalho das lavadeiras. Com frequência escancara-se esse quase contagotas das torneiras, e essa escassez suspende qualquer outra urgência. O cenário comum é não ter água, não ter como trabalhar, não ter como viver dignamente. Esse cenário se desenha com os personagens encarando o desfavelamento, que segue avançando e parando, retomando e ameaçando, e os coloca em seu limite:

raramente havia mortos, vez por outra algum ferimento mais grave e, na maioria das vezes, só escoriações. *O pior era o desespero de não ter para onde ir, não ter mais o barraco para morar. A insegurança e o desconforto, que antes já existiam, com o barraco abaixo se tornavam maiores ainda.* (EVARISTO, 2020, p. 140, grifo nosso)

Reforçamos ser notável como os personagens se “agarram” a esse lugar, sua favela, pois dele necessitam – é a necessidade biológica de ter um espaço, como postulado pela geografia humanística. O que vemos

no romance, contudo, é o desfavelamento oprimindo tal necessidade, desterritorializando os sujeitos.

Além das dificuldades agravadas pela chuva, havia outro elemento da favela – espaço tornado lugar – de modo mais específico, que assombrava o dia a dia dos moradores; suas dimensões também se avultavam com as chuvas. Conhecido como Buracão pelos moradores, sua origem é desconhecida e sua existência no espaço da favela funciona como metáfora das limitações e dificuldades enfrentadas pelos moradores: o Buracão está lá, tem identidade, não é um buraco qualquer. É onde muitos caem; é de onde muitos conseguem sair. É de onde a personagem Cidinha-Cidoca, jovem prostituta, não consegue escapar, ainda que sua morte não seja explicada. Em última instância é a presença clara do perigo, pegando os desavisados e distraídos, funcionando como limite para o trânsito dos personagens. Nesse sentido, o Buracão remete às noções da geografia humanística do espaço tornado lugar, pontualmente a partir do sentimento de temor. Os personagens aprendem a **temer** esse espaço, que passa a ser **reconhecido** e dotado de um certo **valor experienciado** – é simbólico das limitações dos personagens e lhes causa medo, e, assim, se atribui a ele uma construção não neutralizada, mas humanizada. Desse modo, não apenas a favela como um todo é um lugar, no sentido de ser o lar que é possível aos personagens, mas o Buracão, em particular, é também um outro lugar inserido nesse conjunto maior. E, em especial, um lugar que metaforicamente traduz a escassez, o abandono e o descaso para com os personagens.

Urgências e situações de escassez também são latentes no romance *Sem gentileza*. Podemos observar questões de carência, estado de suspensão e dramas similares com motivação (origem ou causa) por conta da ambientação de grande parte da história de Ntshingila na favela, assim como na obra de Evaristo (que ocorre praticamente na íntegra nos espaços da favela). Em *Sem gentileza*, porém, identificamos carências de outras ordens, como discutiremos a seguir. Todas essas faltas, em última instância, desempenham um papel na relação dos personagens com o espaço (tornado lugar) em que se encontram.

No texto de Ntshingila, existem carências de ordem prática, de sobrevivência imediata, como a questão de salário, emprego ou auxílio-doença. Evidentemente, essas situações geram problemas que colocam outras questões em suspensão, pois se a demanda da alimentação do dia não

for resolvida, por exemplo, não é possível lidar com os outros problemas da difícil vida na favela, por mais urgentes que também sejam. Ao mesmo tempo, *Sem gentileza* explora carências de outros tipos: falta de informações a respeito da ancestralidade e história das personagens, que não conhecem seus genitores, por exemplo, ou se encontram na busca por esse tipo de informação. Falta de orientação e educação para poder prevenir o estupro sofrido pela protagonista, que também sofre a carência de acolhimento, sendo repelida pela comunidade como se tivesse alguma culpa no terrível evento. Faltam perspectivas para o futuro e esperanças, que se tornam difíceis de ter em mente quando se revira um lixo à procura de comida (novamente a escassez que afeta a sobrevivência, direta e imediatamente). E, como bem pontuado pela voz narrativa, havia até mesmo escassez de lágrimas, visto que para chorar “era preciso uma energia” (NTSHINGILA, 2016, p. 21) da qual os personagens já não dispunham.

Todas essas experiências operam na construção das personagens com a favela enquanto seu lugar de existência possível. A favela aparece, pois, como lugar de atuação limitado e limitante para as personagens que agem de forma **reativa** às vicissitudes e à escassez impostas. Como se nesse espaço tornado lugar a agência e, por consequência, a identidade das personagens ficasse em suspensão, sem definições claras de origem, atuação, contribuição social e política. É uma demonstração clara do que a luta pela sobrevivência impõe aos seres humanos: não há espaço para os sonhos, não há lugar para benevolências. Mostram que quando “os sonhos dão para o almoço, para o jantar, nunca” (EVARISTO, 2020, p. 50).

De fato, podemos articular um entendimento do título do romance como essa própria denúncia: temos personagens intimamente familiarizados com crueldades, abusos, faltas e sofrimentos. Não há gentileza quando o amor não paga as contas, quando a inocência é arrancada pela raiz por uma figura de autoridade tida como protetora, ou quando se é contaminado pelo próprio parceiro e abandonado pela assistência do governo. Com efeito, no romance de Ntshingila, as experiências difíceis não se dão gentilmente (*do not go gentle*), e localizam esses personagens e suas batalhas em espaços dotados de valores: um lugar de tristeza, abandono, desamparo, desesperança. E esse lugar, tão cruel, mas tão deles, os acompanha e os define.

Nas duas obras (especialmente em *Becos*) encontramos personagens **enraizados** ao seu **lugar** na favela, pessoas que não desejam, não vislumbram

a possibilidade, ou não podem se **deslocar**, ou seja, aqueles residentes da favela que projetam seu presente e seu futuro na mesma localização de seu passado, tanto por força das circunstâncias difíceis quanto por seu próprio posicionamento. Por outro lado, também nas duas obras podemos observar personagens no vai-e-vem, aqueles que **transitam** buscando se encontrar, buscando outras oportunidades e vivências, ou então buscando resolver suas inquietações. Nonceba, em *Sem gentileza*, por exemplo, migrou para os Estados Unidos e depois voltou para a África. Já em *Becos da memória*, Totó perdeu esposa e filha na correnteza do rio, em busca de uma vida melhor, e depois reconstruiu a vida na favela narrada por Maria-Nova, ao lado de Nega Tuína.

Em ambos os romances, fica evidente que os espaços das favelas são restritos, fechados, ainda que estejam localizados próximos a bairros nobres, os quais são acessados para minimizar as carências dos personagens, por exemplo, na possível oferta de algum tipo de trabalho mal remunerado, ou mesmo de formas ilícitas, como o arrombamento de casas para furtos. A esse respeito, é pertinente lembrar a descrição elaborada por Evaristo sobre a relação **informalmente** estabelecida entre esses dois grupos – os favelados e a classe média – simultaneamente tão próximos na geografia e tão distantes na realidade experienciada. Trata-se de uma relação bastante reveladora sobre a condição de vida no espaço desprivilegiado da favela – e como pode parecer interessante para aqueles que não se encontram nesse ambiente que sejam mantidas a hierarquia e a diferença:

Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. *Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês.* Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança. (EVARISTO, 2020, p. 47, grifo da autora)

Vemos, então, como a própria sociedade parece, por vezes, se “organizar” de modo a **não** modificar certas realidades, e manter a população favelada em “seu lugar” – a favela. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, favelas podem ser destruídas, barraco por barraco, para a construção de

algo como um shopping center ou um condomínio luxuoso – espaços não facilmente acessíveis ao público que antes morava ali. Como diz Evaristo (2020), novamente, “todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir?” (p. 71). Então, entendemos que a sociedade, ou “como as coisas são”, pode “forçar” a população favelada a, de fato, permanecer enraizada à favela, e não somente no sentido concreto, mas também como uma **condição** de viver, pois uma dada favela (ou área desta) pode eventualmente ser varrida por tratores, e quem ali vivia **seguirá** sendo favelado, mas tendo que forçadamente estabelecer seu barraco em outro **espaço**. Não é de causar espanto, dadas essas terríveis condições, que, assim como encontramos personagens que não buscam e não podem sair da favela, também existem aqueles que, como dito anteriormente, transitam e se arriscam em caminhos outros, buscando espaços de viver e tentando se desprender dessa realidade.

Apesar de aparentemente **opostos** em seu comportamento e em sua relação com o **espaço** em que se encontram, tanto no caso dos personagens que não se deslocam quanto dos transeuntes, podemos argumentar que a **motivação** de seu comportamento (ficar ou partir/ficar ou partir e voltar) se ampara na condição de **suspensão** em que vivem: acreditamos que os personagens dos romances vivem o seu **presente**, o que importa é o instante atual, a urgência de suprir as necessidades e resolver os conflitos cotidianos. Isso pode ser observado, por exemplo, com a questão da água das lavadeiras, em *Becos*, e o corte da bolsa de auxílio-doença, em *Sem gentileza*. São situações que exigem pronta ação, problemas que não podem ser deixados para **depois**.

Desse modo, podemos entender que esse **imediatismo**, esse agarrar-se ao instante, se deve muito à condição de **escassez**. Ambos os romances, de certo modo, **denunciam** diferentes **ausências**: falta de estudos ou necessidade de abandonar os estudos pela falta de condições de manutenção; falta de recursos financeiros e mesmo apoio por políticas públicas para suprir necessidades de alimentação e de adequadas condições de moradia e higiene, em um flagrante abandono dos personagens à sua própria (falta de) sorte; falta de acolhimento por parte da sociedade, que não enxerga e mantém à margem essas populações, tanto física quanto emocionalmente – e não seria de fato possível dissociar esses aspectos, pois necessariamente uma marginalização

física implicaria uma marginalização emocional. Ausências que impõem necessidades, como aquelas vividas pela personagem Mvelo, de viver “das lixeiras dos ricos” (NTSHINGILA, 2016, p. 10) e “economizar para a próxima refeição: pulando uma, caso não estivesse com muita fome” (NTSHINGILA, 2016, p. 115).

Ainda, e de forma a complementar a noção de (re)territorialização apresentada anteriormente, a experiência com determinado lugar se estabelece em direta relação com o tempo (TUAN, 2013). No entendimento de Tuan (2013), “se o tempo for concebido como fluxo ou movimento, então lugar é pausa” (p. 240), e o imediatismo desestrutura essa conexão. O tempo humano é marcado por etapas, assim como o movimento está marcado por pausas, de modo que leva tempo para sentir afeição por um lugar e, conseqüentemente, para se poder conceber tal ambiente como o **lugar** próprio de dado sujeito. Contudo, a mera passagem de tempo, ou pausa, não é necessariamente suficiente para a relação se estabelecer, de um espaço ser vivido como um lugar. No cerne do postulado da geografia humanística de Tuan está a questão da **experiência**. Na perspectiva do autor, uma experiência estéril, sem conseqüências ou impactos pessoais no sujeito, pode determinar que a localização permaneça sendo um simples espaço ocupado. Afinal, “a *qualidade* e a *intensidade* da experiência é mais importante do que a simples duração”. (TUAN, 2013, p. 240, grifo nosso). Isto posto, acreditamos que, tanto em *Becos da memória* quanto em *Sem gentileza*, as experiências intensas de relações interpessoais e familiares, as lutas por sobrevivência e atendimento de necessidades básicas como a fome, e os processos violentos, como o estupro e o abandono do bebê, na obra de Ntshingila, e os assassinatos e o desfavelamento no texto de Evaristo, reiteram que os personagens constroem lugares em seus espaços, ainda que seja para, forçosamente e em contextos de urgência, serem des(re)territorializados. As vivências nas favelas desses romances, de certo modo, denunciam o desprezo para com essa construção vivenciada pelos personagens e, como vimos, levantam importantes pontos para reflexão e debate.

Em uma leitura rápida e talvez desatenta, é possível receber esses romances como um mergulho em realidades específicas e pontuais. Porém, em nosso entendimento, as obras aqui discutidas não parecem se propor (nem se conter) como textos representativos de supostas “identidades nacionais” ou contextos singulares. Ao contrário, acreditamos que os romances narram

dramas por um lado **localizados** no âmbito de dada favela, no Brasil e na África do Sul e, simultaneamente, **desterritorializados**, isto é, abarcando o sentido de desordem e não-estabilidade, e busca/desejo de reterritorialização, continuamente enfrentados pelos personagens, como demonstramos. Assim, as obras de Evaristo e Ntshingila se somam à crescente (e necessária) produção literária multicultural, cosmopolita, polifônica e híbrida, conforme entendido por García Canclini (2001).

Considerações finais

Conquanto seja possível traçar paralelos entre as obras analisadas, especialmente na questão do protagonismo do espaço-lugar favela como elemento determinante de realidades e (im)possibilidades dos personagens, o papel crucial da escassez e dos estados de urgência e suspensão como decisivos nas ações reativas dos personagens, e a atuação destacada de personagens mulheres no desenrolar das tramas, alguns outros aspectos díspares podem também ser levantados, ainda que não se proponham a esgotar as possibilidades de leitura das referidas obras.

Em *Sem gentileza*, temos uma narrativa onisciente responsável por organizar as ações e personagens, como se houvesse um plano maior, pré-organizado, ordenado, de apresentação. De forma diversa, em *Becos da memória*, diferentes vozes narrativas, ainda que haja uma voz, a de Maria-Nova, em destaque, possibilitam o acompanhamento do desenrolar dos eventos. É como se o leitor descobrisse a narrativa à medida que ela vai acontecendo, junto com a narradora (principal) e os demais personagens, que adquirem sentido ao mesmo tempo que contam (ou lembram) suas histórias.

Ademais, embora as posturas dos personagens fossem claramente reativas em ambas as tramas, percebemos que revisitar os becos da memória, mesmo que sejam becos tomados pela falta de gentileza, torna possível o apropriar-se de sua história, o reescrever-se em um espaço tornado lugar que adquire sentido porque você, como indivíduo único, vive nele. Aponta, de maneira otimista (mas não como uma esperança utópica e impossível de ser concretizada), a educação como uma saída viável para condições adversas: Mvelo, aos vinte anos e com o apoio de um entorno acolhedor, concluíra o Ensino Médio e se matriculara para estudar jornalismo. Já Maria-Nova não voltaria para a escola no ano seguinte, “mas voltaria a estudar um dia” (EVARISTO, 2020, p. 183) e, em sua última noite na favela, mesmo com

os tratores “prontos para o trabalho do dia seguinte que seria eliminar o Buracão e aplinar a área em que estavam os últimos barracos” (EVARISTO, 2020, p. 182) – um deles o barraco onde morava a menina – sonha com Vó Rita, qual metáfora para a mãe-Terra, e sabe que “havia o medo, o incerto, o imprevisível do amanhã. Mas havia a tenacidade, a força, o desejo de vida” (EVARISTO, 2020, p. 183) que sustêm quem não desiste apesar da escassez, das incertezas e se (re)territorializa para novas versões de si.

Isto posto, acreditamos ser possível ver nesses romances algo **além** de suas fundamentais denúncias e problematizações, algo mais do que as faltas de gentileza e as brutalidades da vida, algo mais do que o descaso público e o abandono à própria sorte daqueles que vivem nessas favelas. Em nosso entendimento, há, também, um possível vestígio acolhedor e esperançoso nesses becos tão sem gentileza. Encontramos no encerramento das obras indícios de (mais) força e coragem, em um apontamento para a vontade de trilhar outro caminho – um caminho que não se definiria por se viver neste ou naquele território, especificamente, mas por se construir, em qualquer **lugar**, um lugar menos bruto, com mais justiça, educação e, por fim, mais amabilidade. Não por acaso, portanto, o romance de Ntshingila (2016) é precedido da seguinte dedicatória: “para as crianças que vivem às margens da sociedade e que passam por dilemas colossais. As suas vozes são importantes”. E, acrescentamos, de modo mais ou menos direto, mais ou menos consciente, nós estamos **todos** implicados, de alguma maneira, nessas relações de sobras e faltas, nas urgências e nos dilemas, ainda que não pareçam ser questões nossas, que **pareçamos** estar longe dessas realidades. Somos todos parte da sociedade, e devemos assumir nossa responsabilidade e engajamento. Sentimos que a literatura de Evaristo e Ntshingila, ao retratar tantas injustiças e crueldades, gentilmente nos convida para esse entendimento e tomada de ação.

Agradecimentos

Deixamos nosso agradecimento especial a Mônica Stefani, professora da Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil), por sua leitura atenta de uma das versões desse manuscrito.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia de Leão. Rio de Janeiro: 34, 1996. v. 3.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NTSHINGILA, Futhi. *Sem gentileza*. Tradução de Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

PARANHOS, Ana Lúcia S. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 147-166.

SEM GENTILEZA e a resistência das mulheres de Futhi Ntshingila. *Nonada*, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2016/08/sem-gentileza-e-a-resistencia-das-mulheres-de-futhi-ntshingila-2/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2005.